



Leia o texto para resolver as questões 01 a 05.

O Sarau

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhados abaixo. Em um sarau todo mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champanha na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram, e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuets e das cantigas de seu tempo, e o moço goza de todos os regalos de sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar a sua partida no écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão as outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela levava aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dandy que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns, é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de ... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam para ver qual delas vence em graça, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

Hábil menina é ela! nunca seu amor-próprio presidiu com tanto estudo tributo seu toucador e, contudo, dir-se-ia que o gênio da simplicidade a penteara e vestira. Enquanto as outras moças haviam esgotado a paciência de seus cabeleireiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da Rua do Ouvidor e coberto seus colos com as mais ricas e preciosas joias, D. Carolina dividiu seus cabelos em duas tranças, que deixou cair pelas costas: não quis ornar o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem com seu lindo colar de esmeraldas; vestiu um finíssimo, mas simples vestido de garça, que até pecava contra a moda reinante, por não ser sobejamente comprido. E vindo assim aparecer na sala, arrebatou todas as vistas e atenções.

Joaquim Manuel de Macedo. A Moreninha.

01. Leia a definição de sarau: reunião festiva, noturna, típica do século XIX, para dançar, jogar, ouvir música e conversar. Reconheça elementos do texto que compõem um sarau.
02. Na descrição acima, o narrador destaca os aspectos positivos do ambiente ou o deprecia? Justifique:
03. O ambiente descrito associa-se ao modo de vida burguês. Que elementos justificam a afirmação?
04. A burguesia se firmou como classe dominante a partir da Revolução Francesa. Ela implantou mudanças no cotidiano, como a introdução de novas formas de lazer. A Nobreza, durante a Idade Média, tinha sua diversão nos torneios de cavalaria, na caça e nas festas nos castelos. A burguesia realiza, agora, festas noturnas, o sarau e peças teatrais são as formas mais comuns de lazer burguês. Explique o motivo de a burguesia preferir manifestações mais acessíveis e noturnas.
05. O texto acima permite afirmar que a burguesia usou a arte para impor sua ideologia. Comente.

Leia o texto para resolver as questões 06 a 10.

Leia os versos das partes III e IV do Poema Navio Negreiro e responda as questões:

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!



IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

Navio Negreiro – TRAGÉDIA NO MAR – fragmento – Castro Alves.

06. Na parte III, o eu-poético entra no navio, mas não pelo seu olhar. Explique.
07. Comente a caracterização da cena vista.
08. Na parte IV, o caráter trágico da cena é reforçado pela expressão sonho dantesco. Explique o sentido dessa expressão, considerando o seu sentido paradoxal.
09. Os versos da parte IV apresentam forte apelo sensorial, usando sinestesia. Destaque os sentidos explorados pelo poeta nos versos.
10. Explique o sentido dos termos: orquestra e serpente.